

Nacionalismo Étnico e Conflito Internacional: O caso da Sérvia

V.P. Gagnon, Jr.

A etnia afeta o sistema internacional? Quais são as causas do conflito violento ao longo das linhas étnicas? Desde o colapso da União Soviética e da eclosão da guerra no Balcãs, estas questões chamaram a atenção das relações internacionais acadêmicos e formuladores de políticas. Na ex-Iugoslávia, a guerra conduzida no nome da solidariedade étnica destruiu o Estado iugoslavo, nivelou cidades, e resultou em centenas de milhares de vítimas e milhões de refugiados. Ele também trouxe as primeiras ações fora-de-área da NATO, a maior operação de manutenção da paz das Nações Unidas na história e a possibilidade muito real de guerra se espalhando para outras partes dos Balcãs.

O caso iugoslavo é um olhar para o futuro das relações internacionais? Regiões etnicamente mistas no pós-Guerra Fria eram inevitavelmente os locais de conflito violento que se espalhará pela arena internacional? Se assim for, a única aparente solução seria a criação de estados etnicamente puros; ainda as maiores ameaças para a paz neste século tenderam a vir das regiões em que partições ao longo de linhas étnicas ou religiosas. Este paradoxo é um desafio importante para a paz e estabilidade internacional, especialmente dado o crescimento no número de conflitos violentos descritos e justificados em termos de etnia, cultura e religião.

Apesar da urgência desta questão, as teorias das relações internacionais têm até muito recentemente, não abordou a questão do conflito nacionalista étnico. O desafio principal é conceitual: como estabelecer o nexo de causalidade entre sentimento nacionalista e interestadual violência. As abordagens existentes tendem a assumir que o próprio sentimento étnico é a principal causa do conflito violento, ou que preocupações com a segurança externa levem os tomadores de decisão nacionais a sentimento. Neste artigo, argumento que tal conflito violento é causado não por sentimentos étnicos, nem por preocupações externas de segurança, mas sim pela dinâmica do conflito dentro do grupo. O conflito externo, embora justificado e desvinculado descrito em termos de relações com outros grupos étnicos e ocorrendo dentro de nesse contexto, tem seu objetivo principal dentro do estado, entre os membros da mesma etnia.

Eu argumento que o conflito violento ao longo de clivagens étnicas é provocado pelas elites a fim de criar um contexto político doméstico onde a etnia é a única política identidade significativamente relevante. Assim, constrói o interesse individual da população mais ampla em termos da ameaça à comunidade definida na etnia termos. Tal estratégia é uma resposta das elites dominantes a mudanças na estrutura de poder político e econômico interno: construindo o interesse individual em termos da ameaça ao grupo, as elites ameaçadas de extinção podem afastar os desafiantes que buscam mobilizar a população contra o status quo, e podem se posicionar melhor para lidar com os desafios futuros.

A abordagem realista dominante nas relações internacionais nos diz muito pouco sobre conflito violento ao longo de linhas étnicas e não consegue explicar o caso iugoslavo. Concentrando-se em preocupações de segurança externa, esta abordagem argumenta que comportamento em nome do nacionalismo étnico é uma resposta a ameaças externas o estado (ou para o grupo étnico). A literatura geral sobre conflito étnico da mesma forma usa o "grupo étnico" como ator e olha para fatores fora do grupo para explicar o conflito intergrupo. Mas, de fato, a liderança sérvia de 1987 foi ativamente criado em vez de responder às ameaças aos sérvios por totalmente provocando e fomentando a

eclosão de conflitos ao longo de linhas étnicas, principalmente em regiões da Iugoslávia com histórias de boas relações inter-étnicas.

Embora a própria liderança sérvia tenha justificado suas políticas em termos de ameaça de segurança externa à Sérvia e aos sérvios, nos últimos trinta anos uma parte importante da elite sérvia defendeu uma estratégia muito diferente sobre o pluralismo democrático, a negociação pacífica de conflitos políticos e modernização da economia sérvia. Esta estratégia teria provavelmente sido muito mais bem-sucedidos e muito menos dispendiosos do que o conflito em assegurar a interesses dos sérvios e da Sérvia, mesmo que o objetivo tivesse sido um Sérvia alargada. É difícil argumentar que existe uma ameaça objetiva de segurança quando até as elites de orientação nacionalista na Sérvia denunciam a guerra e afirmam que não havia necessidade disso.

Outra explicação comum para conflito violento ao longo de linhas étnicas, particularmente para o caso da Iugoslávia, é que os ódios étnicos antigos irromperam à superfície. Mas isso também não é sustentado pela evidência: de fato, a Iugoslávia nunca viu o tipo de guerras religiosas vistas na Europa Ocidental e Central, e os sérvios e os croatas nunca lutaram antes deste século; as taxas de casamento eram bastante alta naquelas regiões etnicamente mistas que viram a pior violência; e sondagem sociológica em 1989-90 mostraram altos níveis de tolerância, especialmente nessas regiões mistas. Embora existissem algumas tensões entre as nacionalidades e as repúblicas e a repressão forçada do sentimento nacional adicionado à percepção de todos os lados de que a economia e a política sistema era injusto, as evidências indicam que, não obstante as reivindicações ao contrário de políticos e historiadores nacionalistas na Sérvia e na Croácia, “ódios étnicos” não são a causa principal e essencial do conflito iugoslavo.

Nas seções seguintes, expus uma estrutura teórica alternativa e hipóteses sobre o conflito nacionalista étnico que olhar para dinâmicas internas para explicar o conflito externo. Aplico-o então ao caso específico da Iugoslávia, concentrando-se em cinco episódios em que elites dentro da república sérvia recorreu a estratégias conflituosas descritas e justificadas em termos do interesse do povo sérvio. Na conclusão, vejo como esse quadro pode ilumine outros casos e o que diz sobre estratégias para resolução de conflitos.

Poder Doméstico e Conflito Internacional: Um Marco Teórico

Esta seção apresenta uma estrutura e propõe algumas hipóteses sobre a ligação entre etnia (e outras ideias como religião, cultura, classe) e conflito internacional. Baseia-se nas seguintes quatro premissas: primeiro, a arena doméstica é uma preocupação central para os tomadores de decisão do estado e as elites dominantes porque é a localização das bases de seu poder. Elites dominantes irão assim concentrar-se na preservação dessas bases domésticas de poder. Em segundo lugar, a persuasão é a meios mais eficazes e menos onerosos de influência na política interna. Um meio particularmente eficaz de persuasão é apelar ao interesse da política atores relevantes como membros de um grupo. Em terceiro lugar, dentro da arena doméstica, apelos de apoio devem ser direcionados para os valores materiais e não materiais do públicos-alvo relevantes - aqueles atores cujo apoio é necessário para obter e manter o poder. Ideias como etnia, religião, cultura e classe, portanto, desempenham um papel fundamental como instrumentos de poder e influência, em particular sua centralidade para legitimidade e autoridade.

Finalmente, o conflito sobre as ideias e como elas são moldadas é uma característica essencial da política interna, já que o resultado determina a maneira como os argumentos políticos podem ser feitos, como os interesses são definidos e os valores pelos quais a ação deve ser justificada. O desafio para as elites é, portanto, definir a interesse do coletivo de uma maneira que coincida com seus

próprios interesses de poder. Em outras palavras, eles devem expressar seus interesses na “linguagem” do interesse coletivo.

Estas premissas levam às seguintes hipóteses sobre as condições sob quais líderes nacionais irão recorrer a políticas conflitantes descritas e justificadas em termos de ameaças à nação étnica.

Primeiro, se as elites dominantes enfrentam as elites desafiadores, que procuram mobilizar a maioria da população politicamente relevante de uma forma que ameaça o poder dos governantes ou a estrutura política ou econômica em que seu poder é baseado, as elites estarão dispostas a responder às políticas que custam caro sociedade como um todo, mesmo que os custos sejam impostos de fora. Comportamento vis-a-vis o exterior pode assim ter seu objetivo principal na arena doméstica. Se o mais eficaz de alcançar objetivos domésticos implica provocar conflitos com os fora, portanto, desde que o benefício líquido para as elites ameaçadas seja positivo, elas estarão dispostas a empreender tal estratégia

Em segundo lugar, as elites ameaçadas responderão às ameaças domésticas de uma forma que minimiza o perigo para as bases de sua potência doméstica. Elas devem ganhar o apoio, ou neutralizar a oposição, da maioria. Mas se a legitimidade doméstica impede o uso maciço da força contra oponentes políticos e depende de respeito a certas formas políticas e “regras do jogo”, as elites são circunscritas em como elas podem responder a ameaças domésticas. Uma estratégia eficaz em este contexto é deslocar o foco do debate político longe de questões onde as elites dominantes são as mais ameaçadas - por exemplo, as mudanças propostas na estrutura do poder econômico ou político doméstico - em relação a outras questões, definidas em termos étnicos ou culturais, que apelam ao interesse da maioria em termos econômicos. Mas a etnia ou cultura em si não determina políticas; o interesse do coletivo definido em termos étnicos pode ser definido em qualquer número de maneiras.

As elites concorrentes se concentrarão, assim, em definir o interesse coletivo selecionando seletivamente tradições e mitologias e, com efeito, construindo versões específicas que interessam. A facção de elite que consegue identificar com o interesse do coletivo e na definição do interesse coletivo de uma maneira que maximiza sua capacidade de atingir seus objetivos, ganha uma vitória importante. Formou os termos do discurso político e do debate e, assim, os limites da política legítima, de uma forma que possa deslegitimar ou tornar politicamente irrelevantes os interesses das elites desafiadoras e impedem que elas se mobilizem a população em questões específicas ou ao longo de certas linhas.

Em terceiro lugar, nesta competição sobre a definição do interesse do grupo, imagens de e supostas ameaças do mundo exterior podem desempenhar um papel fundamental nesta estratégia política. Uma estratégia que se baseia em tais imagens ameaçadoras pode variar de citando uma suposta ameaça de provocar um conflito a fim de criar a imagem de ameaça; o conflito pode variar de político para militar. Desde a mobilização política ocorre mais prontamente em torno de queixas, a fim de mudar a agenda política, as elites devem encontrar questões de queixa não relacionadas com as questões sobre as quais mais ameaçados, e construir um contexto político em que essas questões se tornam o centro do debate político. É neste ponto que o foco no interesse do grupo vis-a-vis é o mundo exterior prova ser útil. Se a queixa ou ameaça é para o coletivo e não para os indivíduos, cria uma imagem de potencial custos muito elevados impostos ao grupo, independentemente do impacto directo indivíduos. Por conseguinte, define o interesse do indivíduo em termos de um determinado ameaça ao grupo. Além disso, se a ameaça ou queixa estiver fora do experiência da maioria dos atores politicamente relevantes, não há como verificar Se a queixa é real ou se está sendo endereçada ou não. Tal estratégia também se torna uma profecia auto-realizável, como as reações provocadas pelas políticas conflitantes são apontadas como prova do contenção. Assim, é criada uma queixa de que, se a violência estiver envolvida, continue por anos.

O efeito de criar uma imagem de ameaça ao grupo é colocar o interesse do grupo acima do interesse dos indivíduos. Esta estratégia política é crucial porque, no caso do nacionalismo agressivo e das imagens de ameaças à nação étnica, cria um contexto em que a etnia é tudo o que conta e onde outros interesses não são mais relevantes. Além disso, tal imagem de sobrecarga ameaça ao grupo deslegitima a dissidência daqueles que desafiam tentativa de apelar aos membros do grupo relevante como indivíduos ou que apelar para identidades diferentes da identidade “legítima” de uma maneira “legítima”, especialmente se os dissidentes puderem ser retratados como egoístas e desinteressados bem-estar do grupo e, portanto, podem ser considerados traidores.

Assim, usando uma estratégia de definição de agenda para mudar o foco da política atenção para a questão muito premente de ameaças para o grupo a partir do fora, e ativamente provocando e criando tais ameaças, ameaçaram as elites pode maximizar os benefícios domésticos, minimizando os custos impostos seus próprios apoiadores e, portanto, o perigo para suas próprias bases de poder.

Quarto, neste contexto político doméstico, a informação e o controle sobre A formação desempenha um papel vital. Controle ou propriedade de mídia de massa, especialmente televisão, portanto, confere uma enorme vantagem política onde a população está envolvida na política, e é um elemento chave no sucesso de tais uma estratégia.

Quinto, as elites tendem a definir o coletivo relevante em termos étnicos quando a participação política passada foi assim definida; quando tal definição é encorajado pelas circunstâncias internacionais; e quando essas elites são vistas como defensores credíveis de interesses e preocupações étnicas. Claramente, por queixas ou ameaças ao grupo para ser politicamente relevante, a maioria dos atores deve poder ser identificado como membros desse grupo. Isso não significa, no entanto, que sua identidade principal ou primária deve ser para o grupo; na verdade, as pessoas têm múltiplas identidades e tais identidades são altamente contextuais. A chave é fazer uma identidade particular, e uma definição específica dessa identidade, a única ou legítimo em contextos políticos. Esta identidade estará intimamente relacionada com as idéias de cultura, etnia e religião que a maioria da população valores. Ideias como a etnicidade têm impacto na arena internacional precisamente porque são tão centrais ao poder doméstico.

Uma vez que políticas conflitantes tendem a ocorrer ao longo dessas políticas anteriormente linhas de identidade, eles também tendem a criar a impressão de continuidade entre conflitos passados e atuais, e de fato são retratados especificamente neste caminho. Mas não há nada natural sobre o interesse étnico que exige que seja definida de maneira conflituosa.

Em sexto lugar, quanto maior e mais imediata a ameaça à elite dominante, mais está disposto a tomar medidas que, embora preservando sua posição no curto prazo, pode trazer custos elevados a longo prazo; na verdade, ele desconta os custos futuros. A intensidade e, portanto, o custo de uma estratégia conflituosa depende do grau da ameaça às velhas elites. Esses fatores incluem, primeiro, o período de tempo ameaça ao poder. Embora as políticas conflitantes possam, a longo prazo, resultar em uma posição insustentável e, finalmente, minar suas bases de política influência, o comportamento político das elites numa situação de ameaça imediata é vado por essa ameaça e pela preocupação de manter o poder a curto prazo, que pelo menos deixa aberta a possibilidade de sua sobrevivência a longo prazo. Este também lhes dá tempo para moldar estratégias alternativas para lidar com a mudança, incluindo mudando as bases de seu poder.

Além disso, a força das elites desafiadoras também afeta o imediatismo da ameaça. Se as elites desafiadoras estiverem mobilizando com sucesso a maioria dos população politicamente relevante contra o status quo, as elites dominantes sentirão bastante ameaçado e estar disposto a incorrer em

altos custos para preservar sua posição. As elites ameaçadas também tentarão recrutar outras elites, no local e tanto regional como nacional, para evitar tal mobilização.

Um outro fator é o custo para as elites ameaçadas de perder poder; isso é, os recursos e as posições de fallback que eles têm se ocorrer uma mudança. Se eles tem tudo a perder e nada a ganhar, eles serão muito mais propensos a empreender políticas conflitantes onerosas para a sociedade como um todo do que se recursos que lhes permitiriam continuar envolvidos no poder até certo ponto.

Para a estratégia conflituosa incluir o uso da força militar, especialmente contra outros estados, a coalizão status-quo deve incluir uma facção dominante dentro do militar.

Em sétimo lugar, as elites ameaçadas podem usar partidos neo-fascistas marginais como parte de sua estratégia conflituosa em condições em que a população em geral é incluída no sistema político. Cada país tem pequenos grupos extremistas cuja principal característica é ódio étnico e violência; suas motivações podem ser políticas, pessoais, ou psicológicas. Mas a própria existência desta opção é claramente insuficiente para vir a dominar a política estatal. Uma vantagem de dar mídia neo-fascista cobertura e armas é que, trazendo extremistas para o campo político, a direita se torna o "centro"; uma declaração de que dez anos antes pode ter inaceitavelmente racista pode ser percebido após este tipo de estratégia como moderadamente. Ao tornar as questões do nacionalismo étnico o centro das discursos, essa estratégia também transforma aqueles que são conservadores em questões em centristas moderados.

Oitavo, custos internos de uma estratégia conflituosa são monitorados de perto, eles devem ser superados pelos benefícios. De particular importância é a necessidade de impedir a mobilização popular contra os custos da estratégia externa conflituosa. Enquanto o conflito permanece no reino da retórica política, pode ter grande apoio entre a população, uma vez que é basicamente sem custo. Mas se conflito militar está envolvido, os custos para a população em geral começam a se instalar rapidamente. O conflito será empreendido com vistas a minimizar os custos para aquelas partes das populações que são fundamentais para o apoio e, portanto, tenderão a ser provocada fora das fronteiras da base de poder da elite, com grandes esforços para evitar que a guerra se transmita ao território nacional. Assim, no Caso soviético conservadores contra reforma provocaram conflito étnico violento fora da Rússia, na Moldávia, na Geórgia e nos países bálticos; no caso iugoslavo armado o conflito não ocorreu na própria Sérvia, e os conservadores croatas a estratégia conflituosa afetou principalmente a Bósnia central, em vez da Croácia.

Claro, se as condições materiais se deteriorarem o suficiente e se a discrepância entre o interesse do grupo coletivo e o interesse do status quo elite do poder se torna grande o suficiente, as elites Challenger podem liderar população mais ampla a se revoltar contra a estrutura de poder. Neste caso, membros da elite antiga pode saltar no bandwagon das novas elites que levam tal revolta revolucionárias.

Finalmente, os custos externos também são fundamentais. Tal estratégia é mais provável custos internacionais potenciais, em termos de como eles afetariam o status quo a posição de poder doméstico das elites é mínima. Mas se o custo da reação externa ameaçariam elementos da coalizão status-quo, eles poderiam desertar, uma vez que perdas nas mãos de elites domésticas poderia ser menor do que nas mãos de inimigos, especialmente se as elites desafiadores estivessem dispostas a oferecer um acordo aos desertores. Esta estratégia será assim muito sensível aos tipos de custos que provoca o lado de fora.

Este tipo de política conflituosa passa a dominar alguns estados ou regiões e não outros, dependendo do grau de ameaça ao poder existente estrutura e o tamanho da coligação (a nível nacional e regional)

de aqueles dentro da elite do poder ameaçados pela mudança. Se um desafio para o existente estrutura de poder ocorre de tal forma que a maioria da antiga elite percebe uma saída, seja por cooptação para o novo sistema ou por ser autorizado a manter alguns privilégios e benefícios, uma coalizão provavelmente não será forte suficiente para impor uma estratégia de conflito dispendiosa como política estatal. Pode, no entanto, incitar o conflito e a violência, na esperança de obter um apoio mais amplo. Tal conflito assume a forma de violência ao longo de linhas étnicas quando a população em geral está envolvida na tomada de decisões políticas, e quando a participação política no passado foi definido em termos étnicos.

O Caso da Sérvia

O conflito violento ao longo de linhas étnicas na ex-Iugoslávia era um propósito estratégia racional e racional planejada pelos mais ameaçados por mudanças na estrutura do poder econômico e político, sendo as mudanças defendidas em particular pelos reformistas dentro do partido comunista sérvio no poder. Uma ampla coalizão conservadora na liderança do partido sérvio, elites do partido local e regional quem seria mais ameaçado por tais mudanças, intelecto marxista ortodoxo também escritores nacionalistas e partes do exército jugoslavo juntaram-se a provocar conflito ao longo das linhas étnicas. Este conflito criou um contexto político onde o interesse individual foi definido não em termos de bem-estar econômico, mas como a sobrevivência do povo sérvio. O objetivo original dos conservadores era recentralizar a Jugoslávia, a fim de esmagar as tendências reformistas em todo o país. tente, mas especialmente na própria Sérvia. Em 1990, em um contexto internacional alterado e com retrocessos contra a sua estratégia de centralização em outras repúblicas, a coalizão conservadora mudou-se para destruir o estado iugoslavo e criar um novo estado de maioria sérvio. Ao provocar conflitos ao longo de linhas étnicas, essa coalizão deformou demandas por mudanças radicais e permitiu que a elite dominante se reposicionasse em si e sobreviver de uma forma que teria sido impensável no antigo Iugoslávia, onde apenas 39% da população era sérvia.

Sérvios conservadores confiaram na ideia particular de etnia na sua estratégia conflitual porque a participação política e legitimação nesta região historicamente foi construída em tais termos. Do século XIX, as grandes potências usavam o padrão nacional (geralmente etnicamente definido) autodeterminação para decidir se um território merecia reconhecimento como estado soberano - uma prática que continua até hoje. Aquelas elites que poderiam fazer o melhor caso para representar os interesses de um grupo étnico poderia aumentar sua poder vis-a-vis a arena doméstica por ser reconhecido internacionalmente como o representante do seu grupo étnico ou nacional. Na Europa Oriental e Central Europa este fator reforçou os impérios Otomano, Romanov e Habsburgo definições de participação política em termos de religião nos dois primeiros casos e linguagem no último, e a construção subsequente do identidades politizadas no século XIX. O mito nacional sérvio, moldado na luta contra os turcos otomanos e na expansão do estado sérvio no século XIX e início do século XX, desempenhou um papel central em política iugoslava entre 1918 e 1941, e permaneceu importante para a comunidade partidários, que contaram com o apoio popular durante a Segunda Guerra Mundial. bases nacionais das repúblicas iugoslavas foi o resultado desta época de guerra fez xixi para apoio político popular, e foi mantido como mais do que uma fachada depois a ruptura de 1948 com a União Soviética novamente forçou os comunistas a confiar em algum nível de suporte popular. Essa ênfase na etnia foi reforçada por um sistema de “chaves” étnicas dentro de cada república que determinou a distribuição de certas posições pela identidade étnica de acordo com a proporção de cada grupo na população da república. Essa reificação política da etnia, com a supressão de expressões de sentimento étnico, combinadas para reforçar a construção histórica da identidade política em termos de identidade étnica, e tornou questões étnicas politicamente relevantes quando o sistema político se abriu incluir a população em geral.

Além disso, a retórica de ameaças à nação étnica estava disponível para conservadores sérvios de uma forma que não era em outras repúblicas, em parte porque o partido sérvio era um dos poucos que era etnicamente homogêneo o suficiente para que tal estratégia não alienar automaticamente um parte significativo da filiação partidária. A república sérvia (mesmo sem suas províncias) também tinham diferenças regionais no desenvolvimento econômico que eram mais extremas e significativas do que em qualquer outra república. Assim, porque os liberais eram mais fortes, os conservadores entrincheirados em algumas regiões subdesenvolvidas também mais ameaçado; no entanto, eles tinham uma base para confiar em para apoio. Os conservadores da Sérvia também foram bem colocados para se oporem à mudança, dado importância da Sérvia na federação iugoslava e a congruência frequente de interesses entre conservadores sérvios e elementos conservadores no exército iugoslava.

Cinco episódios são descritos abaixo, nos quais forças conservadoras, especialmente os da Sérvia, foram ameaçados com a reestruturação radical dos interesses políticos e poder econômico. Para testar as hipóteses expostas acima, cada seção olha para a ameaça aos conservadores e ao status quo; suas respostas; e o efeito dessas respostas.

Década de 1960: AMEAÇAS AO STATUS QUO

No início dos anos 1960, em resposta a uma economia cada vez mais disfuncional sistema, os reformistas da liderança do partido iugoslavo, com o apoio de Tito, uma reestruturação radical do sistema político e econômico iugoslavo. No nível local, a reforma de 1965 foi um ataque direto aos burocratas do partido tanto em cargos administrativos locais, como também envolveu afrouxamento do controle partidário da sociedade, incluindo a tolerância de expressões mais abertas do sentimento nacional.

No nível macro-político, a reforma descentralizou radicalmente a federação, e quase toda a tomada de decisões foi dada às repúblicas. Isso permitiu que a liderança superior para contornar os conservadores que dominavam a burocracia e confiar, em vez disso, nos líderes e nos comitês centrais do nível da república, que foram dominados por jovens reformistas orientados tecnocraticamente. De fato, esta descentralização foi entusiasticamente apoiada por todas as lideranças partidárias, incluindo a Sérvia. No verão de 1971, houve também uma discussão sobre descentralizando o próprio partido, um tópico que deveria ser tratado em uma reunião do partido em novembro de 1971. Se realizado, o efeito teria sido institucionalizar reformismo em cada república, remover todo o poder dos conservadores que dominam o centro, e remover até mesmo a possibilidade de um retorno conservador.

Os conservadores estavam claramente ameaçados pela popularidade dos jovens líderes reformistas de nível republicano dentro dos comitês centrais, bem como entre a população em geral. De fato, o objetivo das reformas foi em parte para ampliar a legitimidade do partido comunista através da construção de uma base em que população mais ampla; isto significou, no entanto, que os conservadores foram confrontados com líderes que poderiam mobilizar a população em apoio de irreversíveis radicais mudanças na estrutura do poder.

RESPOSTA ÀS AMEAÇAS. Os conservadores tentaram, a princípio, sabotar implementação da reforma. O resultado, no entanto, foi que em 1966 Tito expurgou conservadores da liderança do partido, e a reforma se tornou ainda mais radicalmente ameaçando os conservadores. Alguns conservadores no sérvio partido, em seguida, começaram publicamente a argumentar que as reformas eram prejudiciais para o sérvio nação e ligou as reformas aos “inimigos históricos” da Sérvia. Estes os conservadores foram expulsos do partido em 1968; no entanto, em 1971, como o partido enfrentou a possibilidade de descentralização radical, outros conservadores o partido sérvio e do exército apontou em particular

para a expressão aberta de sentimento nacionalista na Croácia, que incluía algumas visões extremistas. Conservadores culpavam a liderança croata pelo ressurgimento do nacionalismo croata.

Esses conservadores aliaram-se a alguns conservadores da região croata e partidos políticos, trabalhadores do partido e veteranos de guerra que tinham sido forçados a aposentadoria, membros da burocracia central, elementos do exército iugoslavo, e intelectuais nacionalistas sérvios para invocar o massacre de centenas de milhares de sérvios pela liderança croata 'Ustasa' durante a Segunda Guerra Mundial e para culpar as reformas para minar o socialismo e pôr em risco a Croácia Sérvios. Conservadores nas forças de segurança e no exército, em particular, convenceu Tito a agir contra os reformistas croatas. Os reformistas croatas foram expurgados e tanques foram enviados para os arredores de Zagreb. O ano seguinte os reformistas sérvios também foram expurgados, apesar da resistência muito forte o comitê central da república; expurgos semelhantes nas outras repúblicas e províncias seguídas. Como resultado, as reformas no nível local foram revocadas, e uma ideologização renovada ocorreu.

EFEITO DA RESPOSTA. Ao lançar a ameaça representada pela reforma em termos de nacionalismo étnico, os conservadores mudaram o foco do debate político para longe do projeto reformista da república cruzada e em relação às supostas ameaças de Nacionalidade croata; isso permitiu-lhes argumentar que a reforma radical tinha em fato trouxe o surgimento do nacionalismo e, portanto, da contra-revolução. Usando a ameaça de inimigos externos e internos do socialismo definidos na etnia. Em termos nacionais, eles conseguiram dividir os reformistas populares do país. Este permitiu que os conservadores evitassem a descentralização do partido e inverter a essência das reformas (embora a descentralização da federação permaneceu e foi consagrado na Constituição de 1974). Além disso, o Exército iugoslavo tornou-se agora um ator político chave, com o papel oficial de assegurar a ordem interna contra inimigos externos e internos; isso fez o exército o aliado natural dos conservadores do partido. Em 1974, 12% dos o comitê central federal era de oficiais do exército, acima dos 2% em 1969.

1980-87: AMEAÇAS AOS CONSERVANTES

Quando Tito morreu em maio de 1980, o debate sobre a reforma, que havia sido superado, irrompeu no aberto. A crise econômica desencadeada pela recessão global do final dos anos 1970, o choque do petróleo e a enorme dívida externa da Iugoslávia (US \$ 20 bilhões no início da década de 1980), bem como os resultados negativos trazidos pela reforma no início de 1970, todos obrigaram a mudança sistêmica radical. A reforma- propostas dos Estados Unidos eram de fato muito mais radicais do que no início da década de 1960 e público - elites gerenciais, intelectuais democraticamente orientados e membros dos partidos - eram muito mais receptivos. As propostas foram, portanto, mais ameaçadores para os conservadores do que tinham sido na década de 1960, sem Tito para moderar os conflitos; o conflito político havia se tornado o vencedor leva tudo.

Os reformistas sérvios estavam na vanguarda dessa luta e, no início 1980s o partido sérvio estava entre os mais liberais do país. Membros da liderança do partido sérvio pediu totalmente a remoção da influência do partido em os níveis locais da economia; para uma maior confiança na empresa privada e iniciativa individual; múltiplos candidatos em eleições estaduais e partidárias; livre, eleições secretas no partido; e reconhecimento e adoção de "todos os aspectos positivos realizações da civilização burguesa", isto é, a democracia liberal. Dentro do partido também foram ouvidos apelos para empresas privadas para se tornar o "pilares da economia", e até pede um sistema multipartidário. Reformistas também foram muito crítico da posição política e orçamentária privilegiada do Exército, e chamou muito cedo para cortar essa influência. Mais uma vez os reformistas buscando mobilizar um sentimento popular mais amplo contra posições conservadoras entre os partidários, bem como a população em geral, em um momento em que o crise econômica desacreditou a postura ideológica dos conservadores.

Devido à natureza consensual do processo decisório federal, os conservadores foram inicialmente capazes de impedir uma vitória reformista completa, mas os termos do debate, no entanto, mudaram em favor dos reformistas. Em meados da década de 1980 eleições secretas com vários candidatos estavam sendo realizadas para oficiais do partido, e alguns cargos estaduais foram escolhidos em votos populares multi-candidatos.

RESPOSTA ÀS AMEAÇAS. Conservadores na Sérvia responderam com uma estratégia de três frentes. A primeira foi a de enfatizar os temas marxistas ortodoxos, em uma tentativa de deslegitimar as tendências liberais nos níveis mais baixos do partido. Embora os conservadores não tenham tido muito sucesso nos debates políticos sobre a reforma no nível de liderança, a nível local na Sérvia, impuseram uma linha ideológica ortodoxa, enquanto ao mesmo tempo levantando a questão do sérvio nacionalismo. A mais notável foi a organização partidária de Belgrado, que, em 1984, foi dirigido por Slobodan Milosevic. Logo depois de chegar ao poder, Milosevic: começou uma campanha enfatizando a ortodoxia ideológica, e enviou advertências a todas as unidades do partido de Belgrado pedindo a Vigilância contra "o perigoso aumento da propaganda anti-Iugoslava" de inimigos internos e externos, um aviso que também dominou os pronunciamentos da liderança do exército iugoslavo.

A segunda parte da estratégia dos conservadores foi desviar a atenção para questões étnicas. Assim, o mandato de Milosevic como chefe do partido em Belgrado também viu o início de uma campanha nacionalista entre os membros do partido de Belgrado e "esquerdista" intelectuais, incluindo a esposa socióloga de Milosevic, Mirjana Markovic, que procurou defender "a dignidade nacional da Sérvia" e proteger o seu interesse em Iugoslávia. Belgrado também assistiu a um número crescente de protestos a província do Kosovo, alegando serem as vítimas de "genocídio" étnico albanês. O fato de as manifestações terem ocorrido sem interferência da polícia foi um sinal de que eles foram pelo menos tolerados pelo partido de Belgrado.

Em janeiro de 1986, apesar da forte oposição de dentro do partido, Milosevic foi eleito chefe do comitê central do partido sérvio. Este período viu uma maior atenção à questão do Kosovo por parte de uma coligação centrada de membros do partido conservador, intelecto marxista ortodoxo intelectuais nacionalistas, que repetiam as acusações de "genocídio" contra os sérvios no Kosovo. Jornalistas que eram aliados de Milosevic, especialmente no jornal diário *Politika*, realizou uma campanha de mídia para demonizar os albaneses étnicos e "confirmar" as alegações de genocídio. De fato, a questão do Kosovo agora se tornou a principal arma dos conservadores contra as forças reformistas dentro da Sérvia e na federação mais ampla, como sérvio conservadores insistiram que a questão seja a prioridade não só dos sérvios locais partido, mas também a nível federal.

No entanto, logo ficou claro que os objetivos dessa coalizão não se limitavam a Kosovo e Sérvia. A terceira parte da estratégia dos conservadores era retratar Sérvia como a Vítima da Iugoslávia, preparando o terreno para ataques à outra autonomia das repúblicas. Um manifesto ideológico escrito por alguns membros da Academia Sérvia de Ciências e Artes em 1985, embora alegando chamar para a democracia, na verdade, defendeu a restauração do sistema repressivo, centralizado sistema socialista que existia antes das reformas de 1965. Ele atacou drasticamente as reformas de 1965 como a raiz de todo o mal na Iugoslávia e como sendo sérvios; os sérvios declarados no Kosovo e na Croácia estão em perigo; e denunciou a "coligação anti-sérvia" na Iugoslávia. Com efeito, dada a natureza da tomada de decisões na Iugoslávia, para prevenir reformas radicais na Sérvia, os conservadores teriam que garantir que não se apossasse das outras repúblicas e no nível federal.

EFEITO DA RESPOSTA. O resultado da estratégia sérvia foi que as reformas radicais foram deixadas de lado para lidar com a urgente questão do "genocídio" no Kosovo. Através de uma combinação de manipulação de imprensa, comícios em massa, manipulação política e ênfase nas noções stalinistas de

"Centralismo democrático", em setembro de 1987, Milosevic conseguiu consolidar controle conservador da organização partidária da república sérvia. partes da mídia sérvia que tinham sido relativamente independentes foram tomadas por editores conservadores aliados a Milosevic.

1988-90: AMEAÇAS AO STATUS QUO

A coalizão conservadora, embora tenha consolidado o controle sobre o Estado organização partidária, ainda enfrentava ameaças de forças reformistas em outros república eslovena e organizações provinciais (a Sérvia era apenas uma das oito), bem como no governo federal, especialmente porque a situação econômica para se deteriorar. A Eslovênia, com fortes correntes liberais e democráticas, na vanguarda de cada vez mais vocal pede o fim do sistema de partido único e para a Iugoslávia se mover mais perto do oeste, bem como críticas muito afiadas do exército jugoslavo. Também ameaçadores foram os sucessos do Primeiro-ministro Federal Ministro Ante Markovic, um forte reformador que, apesar da oposição sérvia, conseguiu a aprovação da Assembleia Federal para a transformação radical do Economia jugoslava.

RESPOSTAS ÀS AMEAÇAS. Ao longo de 1988 e 1989, Milosevic e seus aliados tentaram subverter a liderança do partido em outros iugoslavos repúblicas e enfraquecer o governo federal através de uma estratégia de para uma versão agressiva do nacionalismo sérvio. Esta estratégia foi viável apesar do status de minoria sérvia na Iugoslávia, porque os sérvios estavam representados entre os atores politicamente relevantes, incluindo o partido comunista funcionários e membros de outras repúblicas e dentro das burocracias federais. Enquanto isso permanecesse, os conservadores sérvios poderiam "legitimar" "ganham poder em toda a Iugoslávia (e assim legalmente recentralizar a país) se pudessem dominar o partido federal e as lideranças coletivas navios controlando pelo menos cinco dos oito votos.

Para este fim, os conservadores sérvios continuaram a focar a imagem de ameaças sérvios no Kosovo. Eles organizaram comícios em massa de dezenas de milhares em cada cidade importante na Sérvia, bem como em outras repúblicas e na frente de festa sede e durante as reuniões do partido; esses comícios, condenando as "atrocidades" no Kosovo, pediu aos líderes do partido que renunciassem. O resultado foi que o partido lideranças em Vojvodina e Montenegro foram expulsas em outubro de 1988 e Janeiro de 1989. A liderança do partido do Kosovo, que havia sido escolhida os conservadores em Belgrado, também foi pressionado para aquiescer na abolição autonomia do Kosovo e a recentralização da Sérvia. Embora estes movimentos provocaram manifestações massivas e greves entre os População albanesa para protestar contra a ameaça à sua autonomia, em março de 1989 a assembleia do Kosovo, sujeita a fraude e manipulação por parte de Belgrado, votou acabar com a autonomia da província.

Pressão semelhante foi também colocada no governo croata. Comícios maciços organizadas a partir de Belgrado foram realizadas na região rural de maioria sérvia Knin, com a intenção de finalmente mudar-se para Zagreb para derrubar o Liderança partidária croata. Da mesma forma, o partido no poder na Bósnia-Herzegovina descobriu que a polícia secreta da Sérvia era ativa na república. Na Eslovênia o plano era mais grosseiro - centenas de intelectuais e dissidentes deveriam ser preso e o exército deveria ser usado para acabar com os protestos.

A estratégia dos conservadores de consolidar o controle sobre as outras repúblicas através do uso do nacionalismo sérvio agressivo foi acompanhado por crescente demonização veemente da mídia não apenas de albaneses, mas também de Croatas, bem como uma campanha ativa para retratar a Iugoslávia de Tito como especificamente anti-sérvia. Alegou que um autoritário, dominado pelos sérvios e Iugoslávia centralizada era a única maneira de garantir a segurança e os interesses de todos os sérvios: tal Iugoslávia também, não coincidentemente, garantiria o poder interesses das elites sérvias conservadoras. Em face da deterioração economia, Milosevic: culpou as reformas de Markovic,

e apresentou sua própria programa que rejeitou até mesmo o mais modesto dos reformistas propostas para mudança econômica e política.

Enquanto isso, o exército, sob o ministro da Defesa, Branko Mamula, abertamente com posições conservadoras e atacou duramente a oposição política. Dentro os militares em si, doutrinação marxista-leninista conservadora foi intensificado. O exército também endossou o programa política econômica e política neo-socialista de Milosevic, salientando em particular o monopólio continuado do partido comunista e a recentralização do estado. Em cooperação com os conservadores sérvios, os militares atacaram abertamente os apelos dos reformistas para democratizar o país, para reduzir o papel político militar e reformar o sistema militar-industrial. Além disso, declarações de altos funcionários do Exército “deixaram claro que eles viram a missão interna do Exército em termos ideológicos ortodoxos”.

EFEITO DA RESPOSTA. Embora essa estratégia tenha conquistado o controle da Sérvia quatro das oito repúblicas federais e províncias, e colocou o ameaças supostas à Serbdom no centro do discurso político, também provocou atrasos chicotadas nas outras repúblicas. Na Eslovênia, a publicação dos planos do exército para esmagamento dissidente radicalizou o partido e a população em geral na Eslovênia, onde em meados de 1988, foi realizado um referendo não-oficial sobre a independência e o partido começou a defender a introdução de um sistema multipartidário. Na Croácia, um bastião do conservadorismo desde 1971, os movimentos sérvios provocaram a minoria reformista, de modo que em outubro de 1988 o partido croata propôs o desmantelamento do papel protagonista do partido comunista e incentivar a propriedade privada. Mesmo conservadores sérvios dentro da liderança croata criticaram a estratégia de Milosevic. Da mesma forma na Bósnia, que anteriormente havia apoiado Milosevic, o agressivo estratégia nacionalista e a ameaça à liderança do Partido Bósnio levou-o a distanciar-se das posições da Sérvia.

No final de 1989, as forças reformistas haviam assumido o partido croata e os partidos esloveno e croata tinham agendado eleições multipartidárias para na primavera de 1990 (apesar das tentativas dos conservadores aliados sérvios de Milosevic de impedir isso na Croácia). Uma tentativa de Milosevic de recentralizar o partido em um extraordinário Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia (LCY) em janeiro de 1990 falhou como o partido esloveno saiu quando a sua proposta de independência dos partidos foi rejeitada, e os partidos croatas, bósnios e macedônios recusaram-se a continuar a reunião.

1990: AMEAÇAS AO STATUS QUO

Em 1990, a maior ameaça até a coalizão conservadora sérvia e seus aliados surgiu o surgimento de um sistema político no qual a população em geral escolheria lideranças políticas. A estratégia de recentralizar a Jugoslávia por meio de comícios de massa e nacionalismo sérvio agressivo para pressionar as lideranças do partido comunista claramente não eram mais viáveis; da mesma forma, havia pouco chance de ganhar uma eleição em um país onde apenas 39% da população era sérvia, especialmente desde que a estratégia de Milosevic tinha alienado mais não-sérvios.

As ameaças específicas estavam agora vindas de três direções. O primeiro foi o fato de que nas eleições de primavera de 1990 na Eslovênia e na Croácia, abertamente partidos anti-socialistas comprometeram-se a afrouxar, em vez de apertar, as ligações políticas tinham tomado o poder, devido em grande parte a uma reação contra Milosevic. Os órgãos de decisões federais agora incluídos representantes dessas duas repúblicas, marcando a introdução de uma diferença ideológica irreconciliável em termos de pontos de vista econômicos e políticos. Com efeito, o esloveno e Governos croatas em breve apresentar propostas formais para confederalização do país, rejeitando totalmente as chamadas da Sérvia para a recentralização. Dada a certeza para as eleições multipartidárias nas outras repúblicas iugoslavas, e a queda dos partidos comunistas em todo o resto da Europa Oriental, parecia provável que outras repúblicas se juntariam a essas chamadas.

O segundo conjunto de ameaças veio das políticas do primeiro-ministro federal Markovic. No início de 1990, essas políticas foram bem-sucedidas na redução de e melhorar a situação econômica do país, e ele era muito popular, especialmente dentro da Sérvia. Aproveitando esses sucessos e procurando à frente de eleições multipartidárias, ele empurrou as contas através da Assembleia Federal legalizando um sistema multipartidário em todo o país, e em julho de 1990 formou um partido político para apoiar suas reformas.

O maior desafio, no entanto, veio da própria Sérvia. Encorajado pela queda dos regimes comunistas no resto da Europa Oriental e da Vitória de não-comunistas na Croácia e na Eslovênia, as forças da oposição na Sérvia começaram organizando e pressionando o regime para eleições multipartidárias, realizando comícios de protesto em maio. Embora Milosevic argumentou que as eleições não poderiam ser realizadas até a questão do Kosovo foi resolvido, até junho o regime sérvio reconheceu que as eleições eram inevitáveis.

RESPOSTA ÀS AMEAÇAS. Na Sérvia, o regime recorreu novamente à questão do Kosovo, trabalhando assiduamente para provocar a resistência violenta População albanesa. Apesar dessas ações e do fato de que o novo Constituição, adotada em setembro, efetivamente tirou o Kosovo de sua autonomia, a resposta albanesa foi a resistência pacífica.

Ao mesmo tempo que aumentava o calor no Kosovo, o partido sérvio também teve de lidar com partidos da oposição em casa, incluindo os nacionalistas da direita (a maioria notavelmente o Movimento de Renovação Sérvio, SRM, liderado pelo escritor Vuk Draskovic), bem como de partidos democráticos de orientação cívica. Em face de oposição do partido nacionalista anti-comunista, e para ganhar o necessário dois terços do voto sérvio (já que o partido havia alienado o governo não-sérvio 33 por cento da população da república), os conservadores sérvios tomaram uma estratégia de evitar uma divisão do partido comunista em um grande reformar o partido social-democrata que atraísse com mais credibilidade a interesse econômico da nação, e uma pequena festa da linha dura (como aconteceu no resto da Europa Oriental). O partido sérvio foi renomeado o Partido Socialista da Sérvia (SP8). O regime continuou seu controle sobre os meios de comunicação de massa e acesso limitado dos partidos da oposição à televisão. Problemas econômicos foram culpou as políticas “anti-sérvias” do primeiro-ministro federal iugoslavo Markovic. O governo também imprimiu US \$ 2 bilhões (US \$) em dinares por atraso salários dos trabalhadores antes das eleições de dezembro, com fundos obtidos ilegalmente do tesouro federal.

Em questões de nacionalismo, o partido já havia se distanciado muito das políticas de Tito, especialmente aquelas que proibiam a expressão pública de sentimento nacional. Este facto, para além do facto de a agricultura jugoslava ter em mãos privadas, assegurou ao SPS a maior parte do voto dos camponeses e aqueles uma geração fora da terra (a maioria dos eleitores), e assim umedecido sentimento anticomunista contra ele. O SPS, ligando o SRM nacionalista os extremistas sérvios durante a Segunda Guerra Mundial, retratou o SRM como querendo arrastar Sérvia à guerra, e pintou-se como uma força moderadora e progressista. O SPS conseguiu conquistar uma esmagadora maioria dos assentos parlamentares com o apoio de 47% do eleitorado (72% dos sérvios da Sérvia).

Mas o desafio para os conservadores continuou de fora da Sérvia, em contexto da federação iugoslava. A resposta dos conservadores sérvios foi continuar a demonizar outras nacionalidades étnicas, e também a começar a provocar confrontos e conflitos violentos em linhas étnicas e desacreditar o próprio idéia de uma Iugoslávia federal, chamando-o a criação de um Comintern-Vaticano conspiração.

Mesmo antes das eleições de 1990, a mídia de Belgrado havia intensificado sua Paig contra a Croácia, e após as eleições, acusou o novo líder croata partido, a União Democrática Croata (CDU) do

planejamento para massacrar a Croácia Residentes sérvios. Contudo, nas eleições de maio de 1990, apenas uma pequena minoria dos sérvios da Croácia apoiou o partido nacionalista sérvio, a Partido Democrata da Sérvia (SD13). Na sequência das eleições, em todo o verão de 1990 a mídia sérvia também publicou histórias detalhando o anti-sérvio massacres do regime croata de 'Ustasa' na Segunda Guerra Mundial, promovendo a ligação com a CDU, e Belgrado e seus aliados começaram a provocar conflito violento nas zonas de população sérvia da Croácia. Entre julho de 1990 e março 1991, os aliados de Belgrado assumiram o SDP, substituindo líderes moderados por linhas duras. Retrato o CDU como genocida de 'Ustasa'; rejeitou todos os compromissos com Zagreb; realizaram comícios em massa e erigiram barricadas; ameaçado moderado Sérvios e não-membros do SDP que se recusaram a aceitar o confronto estratégia; provocou incidentes armados com a polícia croata e invadiu aldeias adjacentes às regiões já controladas pelas forças e forças sérvias e anexou-os para o seu território. Ao longo deste período, movimentos conciliatórios por o regime croata foram rejeitados, e os sérvios moderados que discordaram A estratégia conflituosa de Belgrado era considerada traidora. Embora a retórica e as ações de linha-dura na CDU deram à Croácia Os sérvios causam preocupação, em vez de promover a negociação e o compromisso com Zagreb, Belgrado, exacerbou as preocupações dos sérvios croatas.

Após a vitória de Milosevic em dezembro de 1990 nas eleições sérvias, a situação na Croácia tornou-se ainda mais confronto como um grupo linha-dura dentro do SDP, trabalhando estreitamente com Belgrado e armados pelo Exército Jugoslavo, começou a provocar conflitos armados com a polícia croata em áreas onde os sérvios não eram maioria. Os sérvios croatas foram cada vez mais pressionados a linha do SDP, e os croatas na região "Krajina", sérvia, foram assediados por Forças armadas sérvias e pressionadas para sair. Estas provocaram propositalmente Os conflitos foram publicamente caracterizados por Belgrado como "conflitos étnicos", resultado de antigos ódios, e o exército iugoslavo foi convocado para separar os grupos. No final de fevereiro, Krajina proclamou sua autonomia da Croácia.

Esses movimentos sérvios fizeram com que os croatas de linha-dura tomassem ações repressivas contra sérvios em áreas onde o partido governante controlava o governo local: essas ações foram apontadas pelos aliados de Belgrado como prova da ameaça à Sérvios. Apesar dos pedidos de linha dura croata para usar a força militar, Zagreb careciam de estoques significativos de armas (embora buscassem fontes), e o presidente croata Franjo Tudjman claramente temia fornecer ao exército iugoslavo com uma desculpa para esmagar o governo croata. Ele foi assim forçado a aceitar a expansão progressiva da ocupação do exército das áreas onde o SDP governar autoritário prevaleceu. Este período viu a base para uma semelhante estratégia sendo lançada na Bósnia pelo aliado de Belgrado, Radovan Karadzic, chefe da SDS dessa república.

Como o conflito se acirrou na Croácia, nas negociações sobre o futuro da Iugoslávia via, Milosevic e seus aliados se recusaram a ceder a sua chamada para um mais firmemente federação centralizada. Ele declarou que se sua demanda fosse rejeitada, então o as fronteiras da Sérvia seriam redesenhadas para que todos os sérvios vivessem em um estado.

EFEITO DA RESPOSTA. O resultado dessa estratégia de conflito foi a destruição da Iugoslávia. As provocações e repressões dos mesmos sérvios moderados na Croácia aumentou o território sob o exército iugoslavo controle, e provocou reações por parte dos croatas extremistas.

1991: AMEAÇAS AO STATUS QUO

Esta estratégia aparentemente bem-sucedida foi subitamente interrompida quando a Sérvia oposição política realizou protestos em massa em Belgrado em 9 de março e 10. Apelando à população em geral, a oposição, liderada pelo chefe da SRM Vuk Draskovic, ameaçou derrubar o regime pela força de comícios de rua. Inicialmente chamado denunciar o rígido controle e manipulação do regime pelos

meios de comunicação, comícios também condenaram políticas econômicas desastrosas de Milosevic e sua política de provocar o conflito com outras repúblicas. Eles pediram que o SPS para baixo do poder como outros comunistas do Leste Europeu tinha feito. Apesar a reação imediata de Milosevic foi chamar o exército para terminar as demonstrações (já que as forças policiais da república estavam todas no Kosovo), os militares recusou-se a usar força massiva. Isso marcou o início da oposição democrática. aumento rápido da popularidade e o início de uma divisão aberta dentro do SPS governante por forças democráticas pró-reformas. Pouco depois, greves massivas (incluindo um de 700.000 trabalhadores) visando especificamente contra os interesses do regime de Milosevic sacudiu a Sérvia.

RESPOSTA ÀS AMEAÇAS. Dada a recusa do exército em usar a força, Milosevic foi forçado a negociar com seus oponentes. Ele aceitou limitado reforma econômica, imprimiu mais dinheiro para pagar os trabalhadores e discutiu formação de um conselho nacional sérvio multipartidário. No final de março ele secretamente se reuniu com o Presidente croata Tudjman para chegar a acordo sobre uma divisão da Bósnia-Herzegovina, eliminando assim a possibilidade de Tudjman aproveitar A posição fraca de Milosevic. Em abril, Milosevic finalmente aceitou os princípios da confederação, e no início de junho, durante conversas sobre o futuro da Jugoslávia, ele concordou com os princípios em que tal confederação seria Belgrado também pressionou seus aliados sérvios na Croácia a negociar com Zagreb, embora os sérvios se recusassem a chegar a um acordo.

No entanto, ao mesmo tempo, a estratégia de provocar conflitos ao longo de linhas étnicas também foi intensificado. O próprio Milosevic chamou os manifestantes “inimigos de Sérvia” que estavam trabalhando com albaneses, croatas e eslovenos para tentar destruir a Sérvia, e ameaçadoramente salientou as "grandes pressões estrangeiras e ameaças" exercidas sobre a Sérvia e que deram "apoio às forças de desintegração da Jugoslávia". A comunicação social intensificou as suas representações da Croácia como um estado fascista de ‘Ustasa’, e em abril reportou graficamente a abertura de cavernas na Bósnia-Herzegovina cheias dos ossos de milhares de vítimas sérvias do ‘Ustasa’; em agosto, transmitiu o enterro em massa dos restos.

Este período foi também de estreita cooperação entre o exército jugoslavo, o regime de Belgrado, e o SDP da Bósnia, como os três lados implementaram "Projeto RAM", um plano para usar a força militar para expandir as fronteiras para o oeste e criar uma nova Iugoslávia sérvia. Assim, na Bósnia, na primavera de 1991, o SDP criou “Regiões Autônomas Sérvias” que foram declaradas não mais sob a autoridade do governo da república, uma repetição do Estratégia krajina.

O SPS neste momento também iniciou uma aliança aberta com o neo-fascista sérvio Radical Party liderado por Vojislav Seselj, garantindo a eleição de Seselj para os parlamentares em uma eleição presidencial. Os grupos guerrilheiros de Seselj estavam ativos na crescente escalada de conflitos na Croácia. Nesse período, Belgrado também exerceu pressão crescente sobre os líderes sérvios moderados na Slavônia (onde os sérvios não estavam na maioria) para aceitar seu confronto estratégia; em maio, Krajina realizou um referendo para se juntar à Sérvia, e Belgrado- guerrilheiros apoiados, incluindo os “Cetniks” de Seselj, fluíram para a Croácia, populações sérvias e não sérvias nas regiões mais desenvolvidas do Eslavônia Oriental e Ocidental (nenhuma das quais tinha maiorias sérvias). Essas forças atacaram a polícia croata, em pelo menos um caso massacrando e mutilando e iniciou uma política de expulsões étnicas forçadas em áreas seu controle. Líderes moderados do SDP denunciaram Belgrado por provocar orquestrar esta estratégia de confronto.

Em face desta pressão, e em preparação para a nova confederação acordo, no final de junho o governo croata declarou o início de um processo dissociação da Iugoslávia, declarando especificamente que não foi um ato de secessão unilateral e que Zagreb continuou a reconhecer a autoridade de órgãos federais, incluindo o exército. Quando o exército controlado pelos sérvios atacou Eslovênia, na

sequência da sua declaração de soberania, a Croácia absteve-se de ajudando os eslovenos, a fim de evitar dar ao exército uma desculpa para atacar Croácia.

No entanto, o exército iugoslavo, apesar de suas promessas públicas de não atacar Croácia, escalaram o conflito na Croácia, e as forças sérvias continuaram estratégia de provocar conflitos na Eslavônia e nas fronteiras da Krajina, aterrorizando populações civis, destruindo aldeias croatas e partes croatas cidades, bombardeando cidades para expulsar a população e forçando sérvios a ameaça de morte para se juntar a eles e apontar casas de propriedade de croatas. Sérvios que discordaram abertamente dessas políticas foram aterrorizadas e silenciadas. grupo de direitos humanos Helsinki Watch observou que no período até agosto de 1991 (quando os croatas finalmente foram para a ofensiva e os próprios extremistas croatas cometeram atrocidades contra civis), de longe os direitos humanos mais notórios abusos foram cometidos pelos guerrilheiros sérvios e pelo exército iugoslavo, incluindo o uso indiscriminado de violência para alcançar seus objetivos de aterrorizar submissão da população sérvia e expulsão da população não-sérvia Esta política, ao provocar extremistas na Croácia em ação, com efeito tornou-se uma profecia auto-realizável, uma vez que o regime sérvio apontava para essas atrocidades laços como prova de suas acusações originais.

Esta política de guerra também destruiu as chances de as reformas de Markovic. A Eslovênia e a Croácia, junto com a Sérvia, já tentavam bloquear implementação de muitos aspectos de sua reforma, mas o exército iugoslavo e Ataques de guerrilha sérvios mataram qualquer apoio na Eslovênia e na Croácia por um continuou a Iugoslávia, mesmo entre aqueles que a haviam defendido; enquanto isso, As medidas de Milosevic para assumir a presidência federal e marginalizar a governo federal em setembro de 1991 levou Markovic à conclusão de que ele não tinha escolha a não ser renunciar. No verão, o exército também estava drenando o governo federal reservas em moeda forte e ocupando uma vasta proporção do orçamento federal, que foi cuidadosamente gerenciado por Markovic.

A guerra também ajudou Milosevic em sua crise doméstica. Em abril de 1991, a oposição democrática estava em um ponto alto, prevendo a queda iminente do SPS. Mas o SPS usou acusações de genocídio e a subsequente guerra em Croácia para suprimir a dissidência interna do partido e marginalizar a democracia oposição, abafando as preocupações sobre a reforma econômica e política, e acusando aqueles que questionaram a guerra da traição. O regime também usou a guerra para tentar destruir a oposição fisicamente: primeiro enviado para a frente reservistas de condados que votaram em partidos da oposição. Oposição líderes e ativistas anti-guerra francos também foram enviados para a frente. Quaisquer críticas foram recebidas com ameaças físicas e violência de gangues neofascistas.¹⁰⁶ O regime também visou a minoria húngara na Vojvodina (um maioria em sete municípios); embora fossem apenas três por cento da Sérvia população, eles representavam sete a oito por cento dos reservistas na frente e vinte por cento das baixas.

Em setembro de 1991, o exército atacava Dubrovnik e milhares dos reservistas sérvios e montenegrinos percorriam a Bósnia-Herzegovina, aterrorizando a população muçulmana eslava. Mas ao mesmo tempo havia crescente descontentamento na Sérvia sobre a guerra. Milhares de jovens esconderam ou deixou o país para evitar ser recrutado, e unidades inteiras de reservistas desertaram da frente. Também ficou claro que os aliados de linha-dura do SPS em Moscou falharam em suas tentativas de tomar o poder. Em novembro de 1991, quando a Comunidade Europeia ameaçou sanções econômicas contra a Sérvia, e as forças croatas começaram a retomar o território, a Sérvia aceitou o princípio de forças de manutenção da paz da ONU nas áreas que controlava na Croácia.

Por esta altura, a oposição na Sérvia estava novamente a ganhar força, sobre o sentimento anti-guerra e o descontentamento com o declínio econômico contínuo. Condenando a política econômica do SPS, sua guerra na Croácia e até mesmo seu conflito - política do Kosovo, a oposição, em fevereiro de 1992, reunia centenas de milhares de assinaturas exigindo a renúncia de Milosevic e o convocação de uma

assembleia constitucional. Mais uma vez, o regime recuou, e finalmente permitiu que as tropas da ONU entrassem em Krajina, pressionando em Krajina, permitiu que sérvios moderados negociassem com Zagreb, reuniões com as restantes quatro repúblicas jugoslavas para negociar um futuro Iugoslávia, e convocou conversas com a Croácia.

Mas, ao mesmo tempo, a Sérvia também aumentou a pressão sobre a Bósnia, um bloqueio econômico das áreas não controladas por seus aliados do SDP. agora retratado como o inimigo étnico o alegadamente fundamentalista-muçulmano população da Bósnia, que dizem estar procurando impor um estado islâmico e perpetrar o genocídio contra os sérvios bósnios. De fato, o mesmo cenário estava começando na Bósnia. Em dezembro, o SDP declarou que formar uma república, e em janeiro de 1992 a "República Sérvia" independente declarado nos 66% do território bósnio que o SDP controlava, o "Regiões Autônomas Sérvias" que foram formadas em 1991. Líder do SDP Radovan Karadzic declarou neste momento que a Bósnia nunca mais seria indivisível. Objeção a um referendo a ser realizado naquelas partes da república não sob o controle do SDP, as forças guerrilheiras sérvias iniciaram ataques armados contra o croata e civis muçulmanos no início de março. Apesar disso, o referendo, buscando aprovação da independência da Bósnia-Herzegovina, foi aprovada por 63% da população da república (99 por cento dos que votam), incluindo uma grande proporção de sérvios que viviam fora do território controlado pelo SDP. (De fato, a presidência Bósnia continua a incluir membros sérvios, assim como o exército bósnio, cujo vice-comandante é sérvio; todos foram marcados traidores pelo SDP.)

Nos dois meses seguintes, grupos guerrilheiros sérvios se comprometeram espalhar atrocidades, expulsar e assassinar não-sérvios, principalmente em áreas já controlada pelo SDP. Em setembro de 1992, os aliados sérvios bósnios de Belgrado aumentaram as suas propriedades territoriais em menos de dez por cento, para cerca de setenta por cento. Como em Krajina, quase toda a população não-sérvia foi morta ou expulsos, e os dissidentes sérvios foram silenciados e reprimidos.

EFEITO DA RESPOSTA. A estratégia dos conservadores sérvios teve um curto objetivo a longo prazo de assegurar sua sobrevivência no poder e preservar a estrutura poder econômico e político na Sérvia. No longo prazo, sua estratégia inicialmente tinha o objetivo de criar uma Iugoslávia centralizada e autoritária, onde a conservadores esmagariam todas as tentativas de mudança radical e reforçariam suas próprias ortodoxia. Mas quando, em 1990, as bases do poder político se deslocaram para a população, os conservadores foram forçados a mudar essa estratégia. Tendo descreditou-se aos olhos dos 61 por cento da população da Iugoslávia que era não-sérvio, a coalizão conservadora recorreu a destruir o antigo a Iugoslávia multi-étnica, e criando nas suas ruínas um novo estado sérvio alargado com uma grande maioria dos sérvios em que eles poderiam usar recursos para sérvio nacionalismo como meio de definir os interesses políticos e, assim, preservar a estrutura de poder existente. A própria violência e a violência retaliatória contra inocentes civis sérvios na Bósnia e na Croácia criaram uma situação na qual as queixas definidas em termos étnicos continuarão a desempenhar um importante papel na política sérvia. Enquanto isso, o regime reestruturou e levou controle mais firme da economia, e culpou a economia dificuldades nas sanções internacionais.

Conclusão: Conflito étnico como estratégia política

Conflito violento descrito e justificado em termos de solidariedade étnica não é consequência automática da identidade étnica, ou mesmo da mobilização étnica. Violência numa escala grande o suficiente para afetar a segurança internacional é o resultado de políticas mais completas e estratégicas do que atos irracionais das massas. De fato, no caso da ex-Iugoslávia, há muitas evidências de que as "massas" especialmente em regiões etnicamente mistas, não queria guerra e que a violência era imposta pelas forças externas. Os principais conflitos atuais estão ocorrendo linhas étnicas em todo o mundo têm como principais causas não trovões, mas sim as ações intencionais dos atores políticos

que ativamente criam conflito violento, recorrendo seletivamente à história para retratá-la como inevitável historicamente.

Se tal conflito é motivado por preocupações domésticas, os atores externos podem tentar impedir ou moderá-lo, tornando os custos externos de tal conflito tão altos que o conflito em si colocaria em perigo a estrutura de poder doméstica. O caminho mais óbvio é o uso da força militar. Mas, para evitar tais conflitos, a ameaça de força deve ser feita cedo, e deve ser credível. No caso jugoslavo, o comunidade internacional não cumpriu nenhuma das condições.

Tal conflito também pode ser impedido ou moderado por tenta influenciar a situação a partir de dentro, atacando a causa raiz do comportamento conflituoso. Embora a garantia de minorias de seus direitos possa ser impor- Isso, por si só, não aborda as raízes do conflito em casos como este. Em vez disso, o alvo deve ser a causa real da política conflituosa: a provisão cação da violência por parte das elites ameaçadas, e as razões para seu comportamento conflituoso. Tal política preventiva deve chegar cedo, mas é muito menos custosa do que uma solução militar. A comunidade internacional pode empreender políticas como assegurar múltiplas fontes de informação em massa e ativas e precoces apoio às forças democráticas. Mas nos casos em que as mudanças estruturais internas estão sendo fomentados por atores internacionais, esses atores também devem ser atentos ao contexto político interno no qual estão intervindo, e em particular, deve ter em conta as preocupações daqueles que são mais negativamente afetados por mudanças internas. Um exemplo é garantir essas elites mais afetado pela mudança de posições de retorno.

Se a violência ao longo das linhas étnicas é causada por conflitos internos, então as negociações sobre os interesses fora da arena doméstica serão sem efeito, uma vez que o objetivo do conflito não está no ambiente internacional, vis-a-vis outro estado, mas sim no país doméstico. Para ser verdadeiramente eficaz, esses fatores internos também devem ser trazidos para as negociações.

Quais são as implicações dessa abordagem para entender o vínculo entre o nacionalismo e o conflito violento em outras partes do mundo? Se o conflito doméstico conduz ao conflito externo e, se os custos potenciais no mundo exterior são uma parte fundamental do cálculo doméstico, então esperamos que esses tipos do conflito externo são menos prováveis em um ambiente internacional verdadeiramente ameaçador. Se o risco for muito alto, as elites ameaçadas terão mais motivação para buscar uma solução de compromisso com desafiadores em casa. Por outro lado, em condições onde a ameaça externa à segurança é mínima, as elites ameaçadas podem ser mais tentadas a usar o conflito na arena externa como uma parte de sua estratégia política interna. O fim da Guerra Fria pode, portanto, ter sua efeitos primários na arena internacional, não diretamente, através de sua influência a estrutura do sistema internacional, mas indiretamente, no sistema doméstico esferas ao redor do mundo.

O que explica a ausência de conflito étnico sob condições de mudança? No caso russo, estilo evolutivo de Gorbachev de reforma incremental, onde ele trouxe conservadores passo-a-passo em direção a mudanças radicais, foi um fator desabafando um sentimento de ameaça repentina entre os conservadores. Desde então mudanças econômicas ocorreu gradualmente na Rússia, e muitas vezes os novos proprietários de empresas privatizadas são os antigos gerentes e burocratas do partido. Embora que isso lhes dê uma participação no novo sistema, se essas empresas não forem lucrativas ou mal administrado, uma onda de falências pode ter um efeito drástico. Além disso, em a União Soviética e depois na Rússia, porque os reformistas estão no controle do governo central, eles também controlam a mídia, tornando muito difícil os conservadores de linha dura para criar imagens via televisão.

O nacionalista russo extremo Vladimir Zhirinovsky, que surpreendentemente fez forte presença nas eleições de 1994 na Rússia e cuja retórica expansionista alarmes muitos na Rússia "perto do exterior",

é um exemplo de uma elite ameaçada recorrendo a políticas conflitantes. A retórica de Zhirinovsky serve ao público doméstico objetivos políticos das elites ameaçadas nas forças de segurança, forçosamente trabalhadores do partido, e outros. Não é por acaso que, como Milosevic, Zhirinovsky e outros russos nacionalistas extremos falam em termos de ameaças à Russos fora da Rússia; qualquer conflito, portanto, provavelmente estará fora de as fronteiras da Federação Russa.

Metodologicamente, o caso da Sérvia mostra a importância de reconhecer que a retórica política é em si mesma comportamento político, e esse conflito descrito em termos étnicos e ocorrendo ao longo de linhas étnicas, enquanto pode ser sobre questões étnicas, pode ser causado por questões não relacionadas à etnia. A capacidade de Violência criar contextos políticos específicos significa que aqueles que provocam o conflito violento pode ter como objetivo algo bem fora dos objetos diretos de conflito. Isto é importante, portanto, perceber que a retórica dos puristas nacionalistas étnicos é exatamente isso: retórica. Dentro de cada grupo, a definição do interesse do grupo é contestada, e na verdade essa definição é a chave para o poder.